

SABERES E PRÁTICAS SOBRE PLANTAS MEDICINAIS UTILIZADAS POR COMUNIDADES TRADICIONAIS SITUADAS NO ENTORNO DE SAVANAS AMAZÔNICAS DA ILHA DO MARAJÓ, PARÁ, BRASIL

*Knowledge and Practices About Medicinal Plants Used by Traditional
Communities Located Around the Amazon Savannas of Marajó Island, Pará, Brazil*

Rolando Célio Gonçalves Pacheco
Universidade do Estado do Pará

Raynon Joel Monteiro-Alves
Universidade do Estado do Pará

Alcindo da Silva Martins Júnior
Universidade do Estado do Pará

Ana Cláudia Caldeira Tavares-Martins
Universidade do Estado do Pará

RESUMO

O objetivo deste estudo foi realizar uma análise sobre plantas medicinais utilizadas por comunidades de Joanes e de Água Boa, situadas no entorno de savanas do município de Salvaterra, Ilha de Marajó-PA. Procedeu-se com uma investigação qualitativa e quantitativa, onde foram entrevistados 24 informantes, utilizando formulários semiestruturados. Adotou-se a turnê guiada para obtenção de material botânico e a identificação das espécies ocorreu por meio de uso de literatura especializada e comparação com amostras incorporadas em herbário. Verificou-se na Flora e Funga do Brasil a grafia correta dos nomes científicos e a abrangência das espécies nos domínios fitogeográficos brasileiros. De 108 etnoespécies citadas, foram identificadas 47 espécies, classificadas em 31 famílias botânicas, com predomínio de Lamiaceae (nove spp.). As folhas foram mais utilizadas no preparo dos remédios caseiros (34 citações), o modo de preparo mais comum foi o chá (38) e a predominância de administração foi a oral (32). Totalizaram-se 62 indicações de uso dos remédios, principalmente, para dor de estômago, gripe e catarro. A maioria das indicações é reconhecida pela medicina oficial, estando classificada em “Sintomas, sinais ou achados clínicos” (20) e, nesta categoria, houve o maior número de espécies vegetais citadas para o seu tratamento (17). Dez espécies botânicas são de interesse do Sistema Único de Saúde para a Fitoterapia. Vinte e duas espécies são típicas do Cerrado (46,8% do total). Este estudo etnobotânico evidencia o saber tradicional e os insumos para estudos aplicados, contribui para o conhecimento sobre as plantas medicinais que ocorrem nas savanas marajoaras e subsidia estratégias para a conservação ambiental e cultural *in loco*.

Palavras-chave: Cerrado; Conhecimento tradicional; Fitoterapia.

ABSTRACT

The aim of this study was to survey the medicinal plants used by the communities of Joanes and Água Boa, located around the savannahs in the municipality of Salvaterra, on the island of Marajó-PA. A qualitative and quantitative study was carried out in which 24 informants were interviewed using semi-structured

forms. A guided tour was used to obtain botanical material and the species were identified using specialized literature and comparisons with herbarium samples. The correct spelling of the scientific names was checked in the Flora e Funga do Brasil and the range of species in the Brazilian phytogeographic domains. Of the 108 ethnospecies cited, 47 species were identified, classified in 31 botanical families, with a predominance of Lamiaceae (nine spp.). The leaves were most commonly used in the preparation of home remedies (34 citations), the most common method of preparation was tea (38) and the predominant method of administration was oral (32). There was a total of 62 indications for using the remedies, mainly for stomach pain, flu and catarrh. Most of the indications are recognized by official medicine and are classified under "Symptoms, signs or clinical findings" (20) and, in this category, there were the highest number of plant species cited for their treatment (17). Ten botanical species are of interest to the Unified Health System for herbal medicine. Twenty-two species are typical of the Cerrado (46.8% of the total). This ethnobotanical study highlights traditional knowledge and provides input for applied studies, contributes to knowledge about the medicinal plants that occur in the Marajoas savannas and subsidizes strategies for environmental and cultural conservation *in situ*.

Keywords: Cerrado; Traditional knowledge; Phytotherapy.

INTRODUÇÃO

A etnobotânica é a ciência interdisciplinar que busca compreender como as pessoas interagem com o meio ambiente e obtêm recursos da planta para atender suas necessidades culturais e físicas (Albuquerque *et al.*, 2019). Deste modo, os estudos etnobotânicos contribuem para a valorização e o resgate dos conhecimentos tradicionais de determinado local, onde essas práticas são elementos importantes e imprescindíveis para a manutenção da bioculturalidade (Siqueira *et al.*, 2020). Além disso, a etnobotânica ganhou espaço nas argumentações sobre a conservação ambiental, tendo os povos indígenas e as comunidades tradicionais como tema central dessa área de conhecimento (Oliveira *et al.*, 2009; Albuquerque *et al.*, 2019).

Neste contexto, as pesquisas etnobotânicas têm demonstrado ser uma importante ferramenta na busca por substâncias naturais de ação terapêutica (Albuquerque; Hanazaki, 2006), pois tais estudos consistem no primeiro passo para a descoberta de recursos potenciais para a produção de fitofármacos e fitoterápicos. No Brasil, o incentivo à fitoterapia é dado pela Política Nacional de Plantas Medicinais e Fitoterápicos e pela Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares e existe ainda a Relação Nacional de Plantas Medicinais de Interesse ao SUS (RENISUS), que contém uma lista com 71 espécies vegetais promissoras para esta finalidade (Brasil, 2006a,b; 2009). Essas plantas medicinais inventariadas em estudos etnobotânicos em diferentes biomas, que estão contidas na RENISUS, refletem a importância de ampliar essas pesquisas, pois o interesse pelo SUS está em consonância com os interesses da população brasileira (Braga; Silva, 2021).

Em termos de domínios fitogeográficos, o Cerrado brasileiro se destaca como um dos últimos "hotspots" mundiais, sendo prioritário para a conservação da biodiversidade (Bessa *et al.*, 2013; Vargem *et al.*, 2022). O Cerrado pode ser encontrado em Tocantins, Maranhão, Piauí,

Bahia, Minas Gerais, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Goiás e Distrito Federal, e possui fragmentos e/ou faixas de transição com outros biomas do Brasil (Floresta Amazônica, Caatinga, Mata Atlântica e Floresta de Pinheiros) (Henriques, 2005). Neste bioma, diversas espécies de plantas medicinais têm sido alvo de investigação científica, visando a comprovação da eficácia do seu uso recorrente por comunidades tradicionais para o tratamento de doenças (Ferreira *et al.*, 2017). No entanto, existem poucos estudos etnobotânicos e etnofarmacológicos no Cerrado, mas há o consenso de que esse bioma é detentor de uma rica biodiversidade, principalmente quando se trata de plantas com valor medicinal (Vargem *et al.*, 2022).

Neste sentido, ressalta-se que o Cerrado também recebe a denominação de Savanas, pois são termos análogos e consiste em um tipo de vegetação que ocorre em toda a zona neotropical, prioritariamente, na região central do Brasil (Amaral *et al.*, 2019). Na Amazônia Legal, as savanas correspondem a uma área de 112.961 km² (42,3% da área total das savanas amazônicas), sendo geralmente compostas por formações vegetais abertas, com a presença de um estrato herbáceo, arbustivo e/ou arbóreo (Carvalho; Mustin, 2017; Costa-Coutinho *et al.*, 2021). Apesar da rica biodiversidade, as savanas amazônicas são um dos biomas mais ameaçados e degradados por ações antrópicas, como por queimadas para fins agropecuários, as quais provocam mudanças na fisionomia da vegetação (Amaral *et al.*, 2019), reforçando ainda mais a necessidade de estudos e intervenções que priorizem a conservação desse bioma.

No Estado do Pará as savanas apresentam um padrão de ocorrência disjunto (Ratter *et al.*, 2003) e, entre essas formações vegetacionais existentes no estado, destacam-se as savanas da Ilha do Marajó ou também chamados de campos alagados, as quais foram classificadas no *Workshop* de 1998 sobre Bioma Cerrado e Pantanal, em Brasília, na categoria de alta importância biológica e recomendada prioritária para a realização de inventários biológicos (Montag *et al.*, 2009). Este bioma domina praticamente toda a extensão dos municípios de Cachoeira do Arari, Chaves, Soure, Salvaterra, Ponta de Pedras, Muaná e Santa Cruz do Arari (Cruz, 1987). Além disso, no entorno dessas savanas existem inúmeros grupamentos humanos que cultivam, manejam e utilizam plantas típicas e atípicas desse bioma na medicina tradicional, entre outras finalidades, conforme estudos desenvolvidos nos municípios de Soure e Salvaterra (Rocha *et al.*, 2017; Magno-Silva *et al.*, 2020; Sena *et al.*, 2021; Andrade *et al.*, 2025).

Diante do exposto, nota-se que a relação das populações marajoaras com a flora local tem sido pouco evidenciada nas publicações científicas, sendo nítida a carência de levantamentos etnobotânicos na região do Marajó (Magno-Silva *et al.*, 2020), em especial, em áreas próximas às savanas, que apresenta uma rica diversidade vegetal e cultural. Deste modo, o objetivo do presente estudo foi realizar um estudo sobre saberes e práticas relacionados às plantas medicinais utilizadas por duas comunidades tradicionais situadas no entorno de savanas do município de Salvaterra, Ilha do Marajó Pará, Brasil.

MATERIAL E MÉTODO

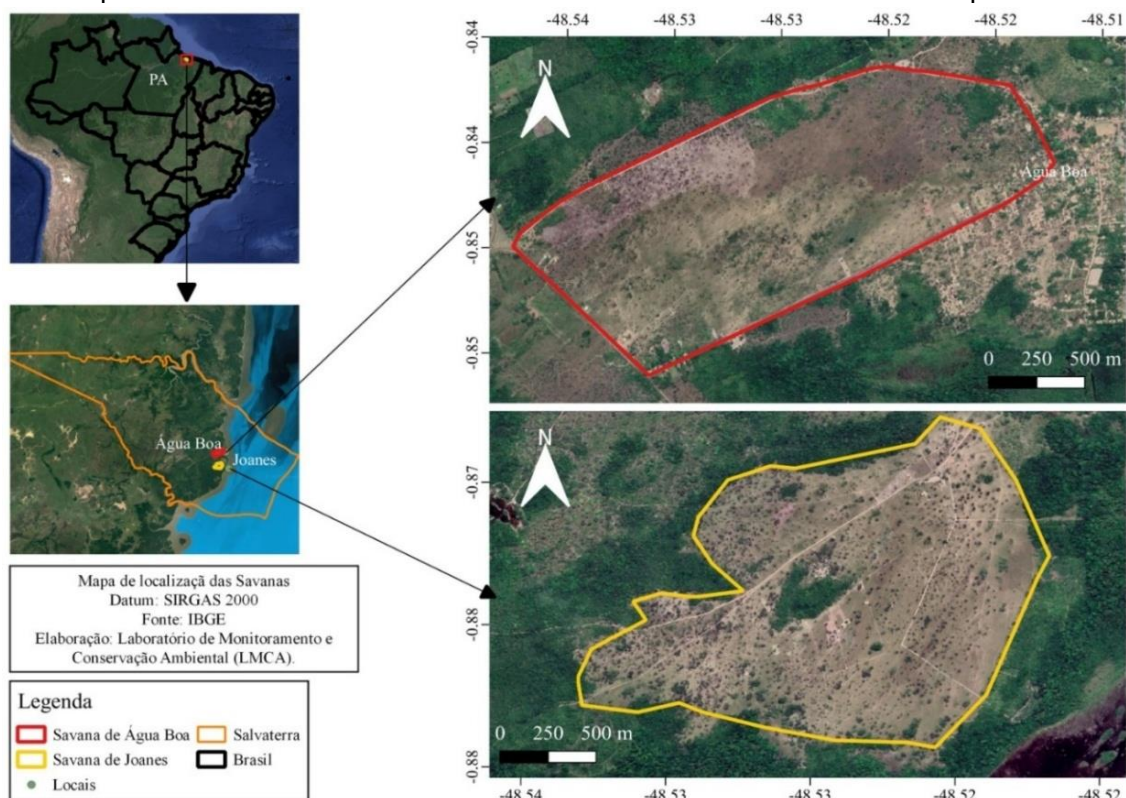
Área de estudo

O município de Salvaterra ($48^{\circ}30'44''$ W e $0^{\circ}45'32''$ S) está localizado no arquipélago do Marajó, estado do Pará, e possui uma população estimada em 24.129 habitantes e uma área de 918.563 km², sendo limitada ao norte pelo município de Soure, separando os dois municípios, pelo Rio Paracuarí, ao nordeste a leste pela Baía do Marajó; ao sul, sudeste e oeste, pelo município de Cachoeira do Arari, separando os dois municípios, o Rio Camará e Rio São Miguel (IBGE, 2023). Além disso, Salvaterra se caracteriza por apresentar formações vegetacionais marcadas pela presença de florestas de Terra Firme, Várzeas, Igapós, Manguezais, Tesos e uma diversidade fitofisionômica de Campos classificados como secos e/ou alagados (Lisboa, 2012). De acordo com Schaan (2010), os campos do Marajó são exemplos típicos de savanas de gramíneas baixas, as quais são sazonalmente inundadas, cuja predominância é tanto de gramíneas (Poaceae) quanto de ciperáceas (Cyperaceae).

Na área rurícola do município de Salvaterra, destacam-se, em particular, duas comunidades pesqueiras: Joanes ($0^{\circ}52'51''$ S $48^{\circ}30'33''$ W) e Água Boa ($0^{\circ}51'41''$ S $48^{\circ}30'51''$ W). Este primeiro povoado é o mais antigo da Ilha de Marajó, tendo sua origem na Aldeia dos Sacacas, que é o local onde também foi criada a Fundação Jesuíta mais antiga dessa ilha e que, atualmente, abriga as ruínas da Igreja de Nossa Senhora do Rosário (Lisboa, 2012), além de ser uma importante comunidade de pescadores que estão organizados em associações. Da mesma forma, a comunidade de Água Boa é constituída por uma população pesqueira, com histórico de ocupação recente (entre 1960-1970) e, culturalmente, é bastante atrelada à vila de Joanes em relação às atividades de pesca e manifestações religiosas, a exemplo da Festa de São Pedro em que ambas compartilham tal comemoração (Ravagnani, 2015).

Ambas as comunidades são consideradas como maiores centros pesqueiros do município de Salvaterra e estão localizadas há aproximadamente 20 km da sede administrativa do referido município, às margens da PA 154 (Salvaterra, 2012; Soares *et al.*, 2020). Ademais, os povoados de Joanes e de Água Boa estão estabelecidos próximo à porção beira-mar, porém, na porção sul e sudeste das comunidades, observam-se extensas áreas de savanas amazônicas (Figura 01); e ambos não ultrapassam um total de 2.000 habitantes, desconsiderando os visitantes (turistas) que usufruem das praias no período de veraneio (mês de julho), já que se trata de um atrativo turístico da região (Salvaterra, 2012).

Figura 01 - Localização das comunidades de Joanes e Água Boa, no município de Salvaterra e as áreas de savana no entorno dos povoados.



Fonte: Laboratório de Monitoramento e Conservação Ambiental (LMCA/UEPA).

Procedimentos éticos

O estudo obteve autorização para coleta de material etnobotânico no Instituto de Desenvolvimento Florestal e Biodiversidade do Estado do Pará (IDEFLOR-Bio) para estudos socioambientais sob a numeração 2021/109395 e Sistema de Autorização e Informação em Biodiversidade – SISBIO nº 79998-5. Além disso, esta pesquisa é parte integrante do projeto intitulado “Monitoramento da Agrobiodiversidade, Pressão de uso e Percepções Ambientais em Comunidades Agroextrativistas na Região do Arari, Ilha de Marajó, Pará”, aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa sob a numeração CAAE 7611762.6.0000.8767.

Amostragem e seleção dos informantes

A amostragem foi do tipo não probabilística e a amostra foi obtida de forma intencional, utilizando a técnica bola de neve (*Snowball*), na qual um informante indica o próximo indivíduo a ser entrevistado (Albuquerque *et al.*, 2010). Deste modo, vinte e quatro moradores das comunidades de Joanes e de Água Boa fizeram parte dessa pesquisa.

Coleta e análise de dados

Os dados foram coletados por meio de entrevistas guiadas por formulários semiestruturados que versavam sobre as plantas utilizadas para fins medicinais, indicações terapêuticas, partes vegetais usadas para o preparo dos remédios, modo de preparo e forma de administração, conforme o estudo de Magno-Silva *et al.* (2020). As entrevistas ocorreram entre os anos de 2021 e 2022, com duração de quatro semanas.

A coleta do material botânico foi por meio de turnê guiada (Albuquerque *et al.*, 2010), no qual os informantes em caminhada por suas propriedades apontavam as espécies com suas respectivas informações de uso, formas de preparo, administração etc. O método utilizado para a coleta e herborização dessas amostras coletadas foi de acordo com Fidalgo e Bononi (1989).

As espécies vegetais foram identificadas no Laboratório de Monitoramento e Conservação Ambiental, da Universidade do Estado do Pará (LMCA/UEPA), fazendo uso da literatura especializada, com chaves artificiais, descrições taxonômicas e comparação com ilustrações das obras e aquelas contidas no Herbário Virtual da Flora e dos Fungos (Specieslink, 2022). Para a atualização dos nomes científicos das espécies identificadas foram utilizadas as bases de dados Flora e Funga do Brasil (2023) e Trópicos (MOBOT, 2023). Posteriormente, as amostras botânicas foram incorporadas ao Herbário Marlene Freitas da Silva (MFS) da UEPA.

Os dados foram tabulados em planilhas eletrônicas e, posteriormente, analisados descritivamente quanto ao número de citações das espécies de plantas, indicações de uso, partes vegetais usadas para o preparo dos remédios, modo de preparo e forma de administração. Analisou-se ainda a distribuição dessas espécies nos domínios fitogeográficos do Brasil a partir dos dados da Flora e Funga do Brasil (2023), inclusive, para classificar as espécies que são típicas do Cerrado. Para a categorização das doenças e sintomas citados, na perspectiva da medicina oficial, foi utilizada a Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas Relacionados à Saúde – CID-11 (WHO, 2022). Já para a identificação de espécies vegetais potenciais para a Fitoterapia pelo SUS foi utilizada a RENISUS (RENISUS) (Brasil, 2009).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os 24 entrevistados das comunidades de Joanes e de Água Boa listaram um total de 108 etnoespécies, das quais 47 foram identificadas e classificadas em 31 famílias botânicas, com predomínio de Lamiaceae (nove spp.) e Asteraceae (quatro spp.) (Tabela 1). Estudos etnobotânicos desenvolvidos no Brasil também demonstraram a representatividade dessas duas famílias na medicina tradicional, como na Amazônia, em comunidades marajoaras da Reserva Extrativista Marinha (Resex-Mar) de Soure-PA e em áreas urbanas do referido município (Rocha *et al.*, 2017; Magno-Silva *et al.*, 2020; Andrade *et al.*, 2025); na Mata Atlântica, em povoações quilombolas do Espírito Santo (Crepaldi; Peixoto, 2009); no Pantanal,

em comunidades rurais e raizeiros de Mato Grosso do Sul (Oliveira *et al.*, 2011); e no Cerrado, em grupamentos humanos do estado de Goiás e de Minas Gerais (Sousa *et al.*, 2010; Alves; Povh, 2013). Porém, ressalta-se que a ocorrência de espécies com valor medicinal de Lamiaceae e de Asteraceae não é restrita à terapêutica popular brasileira, estendendo-se às regiões tropicais e temperadas do mundo (Di Stasi; Hiruma-Lima, 2002).

As plantas da família Lamiaceae, cientificamente, são conhecidas por produzirem grandes quantidades de compostos fenólicos bioativos, como os responsáveis pelo efeito antioxidante, e, devido à facilidade de cultivo e propagação, são cultivadas em todo o mundo, com exceção das regiões mais frias do planeta (Ahn *et al.*, 2020). A Asteraceae, por sua vez, também tem distribuição mundial em variados habitats, com exceção da Antártida, e possui espécies vegetais usadas na medicina tradicional desde os tempos antigos, visto que tais plantas apresentam diversas atividades farmacológicas em razão de seus componentes fitoquímicos, como saponinas, compostos polifenólicos, ácidos fenólicos, polissacarídeos e esteróis (Koc *et al.*, 2015; Alburquerque *et al.*, 2020; Rolnik; Olas, 2021).

As espécies de plantas mais representativas para os moradores das duas comunidades estudadas foram: *Phyllanthus orbiculatus* Rich. (Quebra-pedra) (10 citações), seguido de *Costus spicatus* (Jacq.) Sw. (Canarana); *Kalanchoe pinnata* (Lam.) Pers. (Pirarucu) e *Portulaca pilosa* L. (Amor-crescido), com oito menções cada uma (Tabela 01). Diferentes espécies de *Phyllanthus* são amplamente usadas na medicina popular brasileira, devido às suas propriedades hepáticas e diuréticas (Calixto *et al.*, 1998). Tanto no Brasil quanto na Argentina, espécies de *Phyllanthus* spp., incluindo *P. orbiculatus*, são popularmente utilizadas no tratamento de problemas renais (Yenny *et al.*, 2016), o que converge com as indicações de uso dadas pelos entrevistados, as quais estão relacionadas ao sistema urinário humano, como infecção urinária, problemas renais e dor de urina. Bioprodutos de *Phyllanthus* spp. exibiram atividade antinociceptiva (redução na percepção de dor), antioxidante e anti-inflamatório (Santos *et al.*, 2000; Chouhan; Singh, 2011; Borges *et al.*, 2018).

Outra espécie de destaque para essas comunidades foi a *C. spicatus* (Canarana), sendo reportado o uso para dor de urina e infecção urinária. Tal espécie possui registros históricos de seu uso medicinal, desde a época dos naturalistas no Brasil Colônia, com indicações terapêuticas para o aparelho urinário, e com “validação/consenso social” diante da permanência de uso ao longo das gerações (Santos *et al.*, 2023). Por meio de um estudo com a solução etanólica de *C. spicatus* foi relatada a presença de flavonoides, saponinas e outros compostos fenólicos bioativos, assim como satisfatórios efeitos nefroprotetores por aumentar a excreção de proteínas totais, ureia, creatinina, sódio, potássio, cálcio e cloreto; e promissoras atividades antilíticas dose-dependente, reduzindo o crescimento e a agregação de cristais em amostras de urina de pessoas saudáveis, sugerindo possível eficácia em seu uso tradicional para o tratamento de doenças renais (Moreno *et al.*, 2021).

Tabela 01 - Plantas medicinais utilizadas pelos entrevistados nas comunidades de Joanes e de Água Boa no entorno de Savanas, Ilha do Marajó, Pará. Am – Amazônia; Ce – Cerrado, Ca – Caatinga; Pa – Pantanal; Ma – Mata Atlântica; e Pam – Pampa.

Família/Espécie	Nome vulgar	Ocorrência nos domínios fitogeográficos	Indicação	Parte usada	Modo de preparo	Forma de administração do remédio	Nº de citações	Voucher
ACANTHACEAE <i>Justicia secunda</i> Vahl	Forsangue	Am	Anemia	Folha	Chá/suco	Oral	6	MFS009848
<i>Hemigraphis alternata</i> (Burm. f.) T Anderson	Hortelã roxo	Sem registro	Dor de ouvido/ Cólica	Ramo	Chá/ compressa	Oral/tópico	1	MFS009835
AMARANTHACEAE <i>Alternanthera brasiliana</i> (L.) Kuntze	Ampicilina/ Terramicina	Am, Ce, Ca, Pa, Ma, Pam	Inflamação na garganta/ inflamação no útero/dor/limpeza de ferida	Folha	Chá	Oral/tópico	3	MFS009845
<i>Dysphania ambrosioides</i> (L.) Mosyakin & Clemants	Mastruz	Am, Ce, Ca, Pa, Ma, Pam	Dor de estômago/ gastrite/ gases/verme/ gripe/ cicatrizante/ catarro no pulmão	Ramo	Chá	Oral	6	MFS009869
<i>Colocasia esculenta</i> (L.) Schott	Rio Negro	Sem registro	Catarro	Folha	Banho	Tópico	1	MFS009135
<i>Aloe vera</i> (L.) Burm. f.	Babosa	Sem registro	Dor de estômago/ problemas de próstata/ferida/ cabelo/erisipela/ queimadura/ cicatrizante	Folha	Chá	Oral/tópico	7	MFS009867

ASTERACEAE								
<i>Ayapana triplinervis</i> (Vahl.) R. M. King. & H. Rob.	Japana branca	Am	Febre/gripe/Resfriado	Casca	Lambedor	Oral	1	MFS009842
<i>Gymnanthemum amygdalinum</i> (Delile) Sch.Bip. ex Walp.	Boldo de minas	Am, Ce, Ca, Pa, Ma	Dor de estômago	Folha	Chá	Oral	2	MFS009831
<i>Rolandra fruticosa</i> (L.) Kuntze	Pai Joaquim	Am, Ca	Dor de urina/infecção urinária/problemas renais/coluna/pedra na vesícula	Raiz	Chá	Oral	7	MFS009854
<i>Solidago chilensis</i> Meyen	Arnica	Ce, Ca, Pa, Ma, Pam	Dor/baque	Folha	Cataplasma	Tópico	1	MFS009860
BIGNONIACEAE								
<i>Fridericia chica</i> (Bonpl.) L.G.Lohmann	Pariri	Am, Ce, Ca, Pa, Ma, Pam	Anemia/problemas renais	Folha	Chá	Oral/tópico	4	MFS009858
BORAGINACEAE								
<i>Heliotropium indicum</i> L.	Fedegoso	Am, Ce, Ca, Pa, Ma, Pam	Inflamação/Baque	Folha	Chá/banho	Oral/tópico	3	MFS009843
CACTACEAE								
<i>Pereskia aculeata</i> Mill.	Ora-Pronóbis	Ce, Ca, Ma, Pam	Anemia	Folha	<i>In natura</i> /chá	Oral	2	MFS009846
CARICACEAE								
<i>Carica papaya</i> L.	Mamão roxo, Mamão	Am, Ce, Ca, Ma	Gripe/batimento cardíaco/dor de barriga/verme	Folha	Chá	Oral	2	MFS009880

CELASTRACEAE								
<i>Monteverdia obtusifolia</i> (Mart.) Biral	Barbatimão	Am, Ma	Cisto no ovário/ inflamação/ anemia	Casca	Chá	Oral	3	MFS009767
CONVOLVULACEAE								
<i>Ipomoea batatoides</i> Choisy	Batata-doce	Am, Ce, Ca, Ma	Dor	Folha /Raiz	Chá	Oral	1	MFS009863
COSTACEAE								
<i>Costus spicatus</i> (Jacq.) Sw.	Canarana	Não ocorre no Brasil	Dor de urina/ infecção urinária	Folha	Chá	Oral	8	MFS009857
CRASSULACEAE								
<i>Kalanchoe pinnata</i> (Lam.) Pers.	Pirarucu	Am, Ce, Ca, Ma, Pam	Erisipela/ infecção/ gastrite/ <i>H.pylori</i>	Folha	Chá	Oral	8	MFS009870
CYPERACEAE								
<i>Cyperus articulatus</i> L.	Priprioca	Am, Ca, Ma	Ferida/baque/ Hematoma	Raiz	Cataplasma	Tópico	1	MFS009851
DILLENIACEAE								
<i>Curatella americana</i> L.	Caibé	Am, Ca, Ce, Ma	Gastrite/ diabetes/ colesterol	Casca	Chá	Oral	4	MFS009881
EUPHORBIACEAE								
<i>Euphorbia tithymaloides</i> subsp. <i>retusa</i> (Benth.) V.W.Steinm.	Coramina	Am, Ca	Calmante/ problemas cardíacos/dor no coração	Folha	Chá	Oral	4	MFS009850
<i>Jatropha gossypifolia</i> L.	Pião branco	Am, Ca, Ce, Ma	Dor	Folha	Sumo	Oral/tópico	3	MFS009875
FABACEAE								
<i>Cajanus cajan</i> (L.) Huth	Feijão quandu	Am, Ce, Ca, Pa, Ma, Pam	Problemas de próstata/ câncer/	Folha	Chá	Oral	4	MFS009871

			inflamação					
GERANIACEAE <i>PeLargonium graveolens</i> L'Hér.	Malva Rosa	Sem registro	Derrame	Folha	Chá	Oral/tópico	1	MFS009849
IRIDACEAE <i>Eleutherine bulbosa</i> (Mill.) Urb.	Marupazinho	Am, Ce, Ma	Disenteria/ dor de estômago	Raiz	Chá	Oral	4	MFS009861
LAMIACEAE <i>Vitex agnus-castus</i> L.	Alecrim	Ca, Ma	Problemas estomacais/ Catarro	Folha	Banho	Oral/ tópico	2	MFS009877
<i>Plectranthus barbatus</i> Andr.	Anador	Sem registro	Dor de cabeça/dor muscular	Folha	Chá	Oral	2	MFS009832
<i>Plectranthus ornatus</i> Codd	Boldo chile, Boldo, Anador	Sem registro	Dor de estômago/ problemas estomacais/ problemas de fígado/gases e diarreia	Folha	Chá	Oral	1	MFS009829
<i>Aeollanthus suaveolens</i> Mart. ex Spreng.	Catinga-de-mulata	Sem registro	Derrame/ Ferida	Folha	Chá	Tópico	3	MFS009847
<i>Mentha piperita</i> L.	Hortelanzinho	Sem registro	Calmente/ gases/ diarreia	Ramo	Chá	Oral	5	MFS009866
<i>Ocimum gratissimum</i> L.	Favacão	Am, Ce, Ca, Ma	Catarro	Folha	Banho	Tópico	4	MFS009827
<i>Ocimum minimum</i> L.	Manjeriçã	Sem registro	Gripe/ catarro	Folha	Banho	Tópico	3	MFS009826
<i>Plectranthus amboinicus</i> (Lour.) Spreng.	Hortelã grande	Sem registro	Problemas de fígado/ infecção urinária/ ameba/	Folha	Chá	Oral	3	MFS009873

			calmante/dor de garganta					
<i>Pogostemon heyneanus</i> Benth.	Oriza	Sem registro	Calmante/ problemas cardíacos/dor de cabeça	Folha	Chá	Oral	3	MFS009830
MALVACEAE								
<i>Gossypium hirsutum</i> L.	Algodão	Am, Ce, Ca, Ma	Problemas no pulmão/gripe/catarro /baixa imunidade	Folha	Chá/suco	Oral	5	MFS009871
MORINGACEAE								
<i>Moringa oleifera</i> Lam.	Muringa	Sem registro	Cabelo/ queimadura/ pressão alta	Semente	Chá	Tópico	1	MFS009854
PEDALIACEAE								
<i>Sesamum indicum</i> L.	Zesilim preto	Am, Ce, Ma	Derrame/dores musculares	Folha	Chá	Tópico	1	MFS009861
PHYLLANTHACEAE								
<i>Phyllanthus orbiculatus</i> Rich.	Quebra-pedra	Am, Ca, Ce, Ma	Infecção urinária/ problemas renais/dor de urina/pedra na vesícula	Raiz	Chá	Oral	10	MFS009833
PHYTOLACCACEAE								
<i>Petiveria alliacea</i> L.	Mucuracaá	Am, Ca, Ma, Pam	Dor de cabeça	Folha	Compressa	Tópico	2	MFS009874
PIPERACEAE								
<i>Piper callosum</i> Ruiz & Pav.	Elixir paregórico	Am, Ce, Ma	Dor de estômago	Folha	Chá	Oral	4	MFS009876
<i>Piper alatipetiolatum</i> Yunck.	Pau-de-angola	Am, Ma	Gripe/febre	Folha	Chá	Tópico	1	MFS009844

POACEAE								
<i>Cymbopogon winterianus</i> Jowitt ex Bor	Capim-limão	Sem registro	Gripe/insônia	Folha	Chá	Oral	2	MFS009865
PORTULACACEAE								
<i>Portulaca pilosa</i> L.	Amor-crescido	Am, Ca, Ma, Pa	Baque/ inflamação/ cicatrizante/ ferida	Ramo	Chá/ cataplasma	Oral/ tópico	8	MFS009836
RUTACEAE								
<i>Ruta graveolens</i> L.	Arruda	Sem registro	Trombose/ derrame/ dor de cabeça	Folha	Chá	Tópico	6	MFS009828
VERBENACEAE								
<i>Aloysia gratissima</i> (Gillies & Hook.) Tronc.	Alfazema branca	Ce, Ma, Pam	Dor intestinal	Folha	Chá	Oral	1	MFS009853
<i>Lippia alba</i> (Mill.) N.E.Br. ex Britton & P.Wilson	Cidreira	Am, Ce, Ca, Pa, Ma, Pam	Calmanete/insônia	Folha	Chá	Oral	7	MFS009859
VITACEAE								
<i>Cissus verticillata</i> (L.) Nicolson & C.E. Jarvis	Pucá	Am, Ce, Ca, Pa, Ma, Pam	Sinusite/ Derrame	Ramo	Chá	Oral/tópico	2	MFS009852

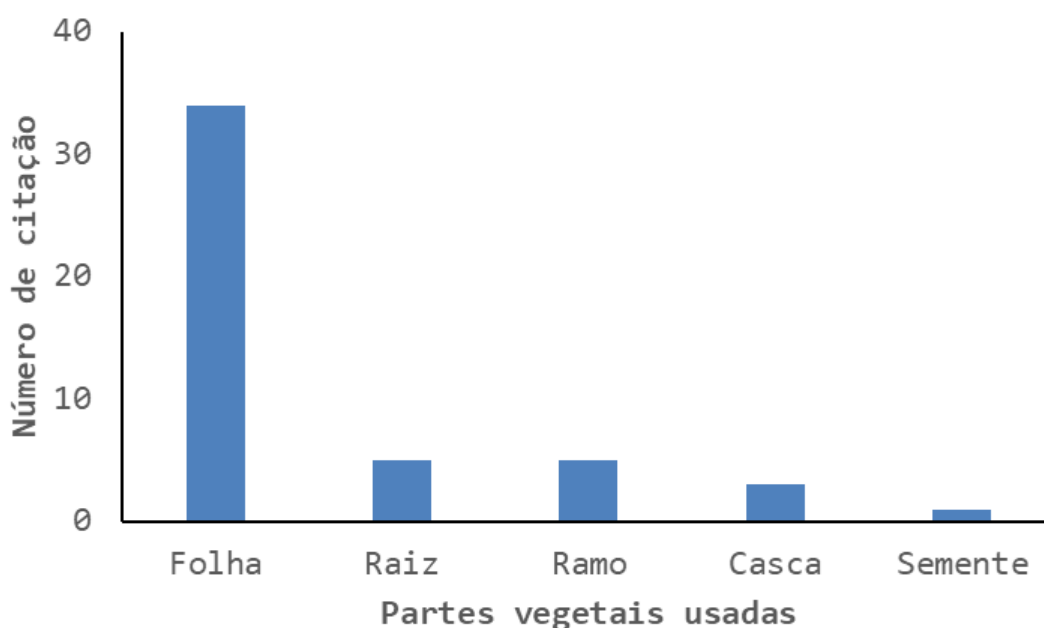
Fonte: Dados da pesquisa.

Nas duas comunidades estudadas, *K. pinnata* (Pirarucu) foi uma das espécies mais citadas, tendo indicação medicinal para erisipela, infecção, gastrite e *Helicobacter pylori*. Essa espécie botânica apresenta, em sua composição química, bufadienolídeos, flavonoides e ácidos graxos, e trata-se de uma espécie muito útil na medicina tradicional, sobretudo, em países tropicais, devido as suas atividades antiviral, antioxidante, imunossupressora, antileishmania e citotóxica, enquanto para outras espécies *Kalanchoe* spp. foram reportados efeitos anti-inflamatório, antimicrobiano, analgésico, hepatoprotetor, antiúlcera etc. (Milad *et al.*, 2014). Neste sentido, destaca-se que um bioproduto derivado de *K. pinnata* demonstrou ter potencial terapêutico contra úlceras gástricas, cujos efeitos bioativos podem estar associados aos flavonoides presentes na espécie (Sobreira *et al.*, 2022). O extrato etanólico dessa espécie vegetal também não apresentou concentração inibitória mínima (CIM90) contra *H. pylori*, mas inibiu o crescimento da colônia de bactérias em 47,6%, na concentração de 1024 µg/mL (Nascimento *et al.*, 2017).

A espécie *P. pilosa* (Amor-crescido) também foi destaque nas duas povoações estudadas, possuindo indicação de uso para baque, inflamação, cicatrizante e ferimentos. Esta espécie é comum nas Américas e possui uso popular para o tratamento de doenças gastrointestinais e urinárias, cicatrização de queimaduras, erisipelas e lesões (Mendes *et al.*, 2011). Na região amazônica, além dessas indicações medicinais, outras foram reportadas, como: tratamento diabetes, queda, gripe, vermífugo, analgésico, antimalárico, inflamações, mau-olhado e outros (Brandão *et al.*, 2020; Magno-Silva *et al.*, 2020). O extrato etanólico seco de *P. pilosa* apresentou açúcares redutores, fenóis, taninos, esteroides, triterpenoides, glicosídeos cardíacos e carotenoides, com comprovado efeito antibacteriano (Mendes *et al.*, 2011). Já o extrato polissacarídico dessa espécie apresentou uma notável atividade antioxidante, baixa toxicidade em células normais e alta toxicidade em células tumorais, podendo ser um importante recurso para a indústria farmacêutica (Gatea *et al.*, 2017).

Entre as cinco partes vegetais utilizadas pelos moradores das duas comunidades estudadas para o preparo dos remédios caseiros, a folha foi predominantemente mais citada (34 citações) (Figura 02). Em âmbito nacional e internacional, estudos mostram a folha como o órgão da planta mais utilizado em preparos etnobotânicos (Bahadur *et al.*, 2020; Kazanci *et al.*, 2020; Magno-Silva *et al.*, 2020; Ndhala *et al.*, 2022; Messerschmidt *et al.*, 2023; Andrade *et al.*, 2025). Provavelmente, este fato está relacionado à facilidade de coleta das folhas, sem causar grandes danos à planta, e disponibilidade durante todo o ano (Alves *et al.*, 2008; Messerschmidt *et al.*, 2023; Barbosa *et al.*, 2023). Além disso, a folha é o principal órgão responsável pela fotossíntese e onde há a produção de metabólitos secundários que atuam na defesa contra fatores bióticos e abióticos (Martins *et al.*, 2025), o que pode atribuir às plantas o seu valor medicinal. Considera-se também que a prevalência de uso de determinadas partes de plantas é resultante do hábito das famílias botânicas mais citadas pelas pessoas, o que, geralmente, corresponde a espécies herbáceas, subarbustivas e arbustivas (Silva *et al.*, 2012).

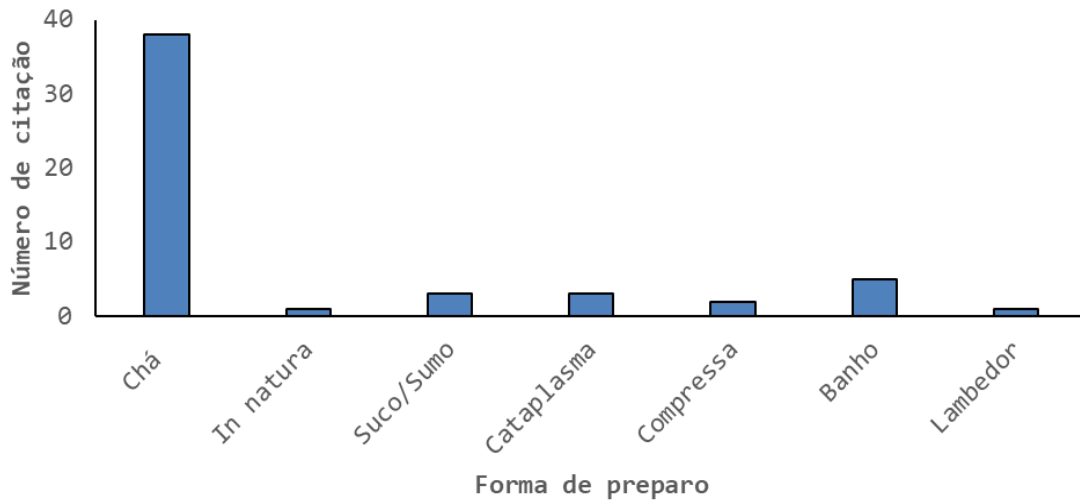
Figura 02 – Partes vegetais utilizadas no preparo dos remédios caseiros, conforme os moradores das comunidades de Joanes e de Água Boa no entorno de Savanas, Ilha do Marajó, Pará.



Fonte: Dados da pesquisa.

Os entrevistados de Joanes e Água Boa citaram sete métodos distintos para a preparação dos remédios caseiros para tratar diferentes doenças, sendo o mais comum o chá (38 citações) (Figura 03). O preparo dos remédios com água, por meio da decocção ou infusão, e sua administração na forma de chá são frequentes na medicina popular por ser barato, rápido e de fácil acesso (Merzouki *et al.*, 2000). Neste sentido, o chá está diretamente associado à principal forma de administração do remédio, que é por via oral (32 citações), enquanto nos demais casos é por uso tópico (18), estando relacionado à compressa, cataplasma, banho. Assim, as variadas formas de preparo de remédios são de acordo com a espécie vegetal utilizada e com os objetivos de tratamento, podendo ser para uso interno – por meio de chá infuso, decoctos, maceração, entre outros – ou uso externo, como cataplasma e compressa (Zucchi *et al.*, 2013). Destaca-se ainda que os chás preparados por infusão consistem em uma tendência recente nos preparados etnobotânicos entre os moradores das comunidades da Resex-Mar de Soure, o que decorre da sua participação em capacitações sobre plantas medicinais, maior acesso a informações pela mídia e internet, além da atuação *in loco* dos profissionais da saúde (Magno-Silva *et al.*, 2020).

Figura 03 – Formas de preparo dos remédios caseiros, conforme os moradores das comunidades de Joanes e de Água Boa, Ilha do Marajó, Pará.



Fonte: Dados da pesquisa.

A indicação de uso dos remédios caseiros foi bem diversificada, totalizando 62 recomendações medicinais, com destaque para dor de estômago, gripe e catarro (sete citações, cada) seguido de inflamação em geral (seis) e derrame (cinco) (Tabela 02). Neste contexto, ao se tratar das doenças ou sintomas admitidos pela medicina oficial, com base na CID-11, foram encontradas 17 categorias, com destaque para “Sintomas, sinais ou achados clínicos, não classificados em outra parte” (20 citações), estando relacionado à dor de estômago, dor de barriga, gases intestinais, dor de cabeça, dor de coluna, dor de coração, febre e dor de urina; seguido de “Doenças infecciosas ou parasitárias”, relacionando à gripe, resfriado, verme, disenteria, erisipela, ameba e sinusite (16 citações) (Tabela 02). Em relação ao maior número de espécies vegetais usadas no tratamento dos sintomas e enfermidades, 17 espécies foram referidas para os “Sintomas, sinais ou achados clínicos, não classificados em outra parte” e 13 para “Doenças infecciosas ou parasitárias” (Tabela 02).

Tabela 02 – Classificação das doenças citadas pelos entrevistados das comunidades de Joanes e Água Boa no entorno de Savanas, Ilha do Marajó, Pará.

Classificação	Indicações populares	Número de citações	Número de espécies vegetais referidas
Neoplasias	Câncer	1	1
Doenças do sangue ou dos órgãos hematopoiéticos	Anemia	4	4
Doenças do ouvido ou processo mastoide	Dor de ouvido	1	1
Doenças do sistema respiratório	Inflamação na garganta	1	1

Doenças do aparelho geniturinário	Inflamação no útero, infecção urinária, problemas renais, cisto no ovário, problemas de próstata, cólica menstrual	12	10
Sintomas, sinais ou achados clínicos, não classificados em outra parte	Dor de estômago, dor de barriga, gases intestinais, dor de cabeça, dor de coluna, dor de coração, febre, dor de urina	20	17
Lesões, envenenamento ou outras consequências de causas externas	Feridas, hematomas, queimaduras	8	6
Doenças infecciosas ou parasitárias	Gripe, resfriado, verme, disenteria, erisipela, ameba, sinusite	16	13
Doenças do sistema respiratório	Catarro, catarro no pulmão	6	8
Doenças da pele	Queda de cabelo	2	2
Doenças do aparelho digestivo	Doenças do fígado, pedra na vesícula, Gastrite, problemas estomacais	9	8
Causas externas de morbidade ou mortalidade	Baque	4	4
Doenças do sistema músculo-esquelético ou tecido conjuntivo	Dores musculares	2	2
Doenças do sistema circulatório	Batimento (arritmia) cardíaco, problemas cardíacos, pressão alta	4	4
Doenças endócrinas, nutricionais ou metabólicas	Colesterol, diabetes	3	2
Doenças do sistema nervoso	Derrame	5	5
Distúrbios do sono-vigília	Sono (insônia)	2	2

Fonte: Dados da pesquisa.

Quanto aos “Sintomas, sinais ou achados clínicos”, estes não apresentam uma causa definida, mas os informantes costumam relacionar as dores de cabeça, tosse e febre como sintomas de várias enfermidades (Marques *et al.*, 2020). Já as “Doenças infecciosas ou parasitárias” podem estar associadas à inadequação ou falta de instalações sanitárias básicas, gerando um ciclo de contaminação (fecal/oral), que é responsável pela ocorrência de diarreia, verminoses, amebíase, giardíase etc.; alimentação indevida; clima quente e úmido da região amazônica; constante exposição ao sol e a chuva devido aos trabalhos agroextrativistas (Neu *et al.*, 2016), sendo alguns dos fatores que favorecem a incidência de gripe e resfriado. Além disso, a água para consumo no Marajó também pode ser um fator agravante, pois em poços domésticos de comunidades de Salvaterra foi encontrada a presença de coliformes totais e *Escherichia coli*, o que pode estar diretamente

relacionado às doenças recorrentes nas localidades, como as de veiculação hídrica (Simões *et al.*, 2020). Na Resex-Mar de Souré, os moradores locais utilizam água provavelmente imprópria para o consumo, que é oriunda de poços domésticos instalados precariamente e com vulnerabilidade à poluição/contaminação e intrusão salina das marés (Lobato *et al.*, 2014).

Neste contexto, verificou-se que as plantas utilizadas para o tratamento de “Sintomas, sinais ou achados clínicos” foram: Mamão, Mastruz, Babosa, Boldo de minas, Marupazinho, Boldo Chile, Elixir paregórico, Hortelanzinho, Anador, Oriza, Pai Joaquim, Coramina, Japana branca, Quebra-pedra, Canarana, Mucuracaá, Arruda e Pau-de-angola. Algumas destas também são usadas para o tratamento de “Doenças infecciosas ou parasitárias” (Mastruz, Japana Branca, Mamão, Pau-de-angola, Marupazinho, Babosa), além de outras: Manjerição, Algodão, Capim-limão, Limãozinho, Pirarucu, Hortelã grande e Pucá. Neste sentido, ressalta-se que esse uso de plantas comuns nessas duas categorias de doenças pode ocorrer devido ao fato de esses recursos vegetais serem usados para aliviar os sintomas causados pelas enfermidades, a exemplo de dores estomacais e urinárias, por apresentar propriedades anti-inflamatórias e/ou analgésicas, e, concomitantemente, combater o agente etiológico da doença, em razão de suas propriedades antimicrobianas ou antiparasitárias.

Fazendo um paralelo com a Tabela 01, verifica-se que as espécies vegetais mais versáteis são *Dysphania ambrosioides* (L.) Mosyakin & Clemants (Mastruz) e *Aloe vera* (L.) Burm. f. (Babosa), que são usadas para o tratamento de diferentes doenças de distintos sistemas corporais, como o digestório (dor de estômago, gastrite), respiratório (gripe), tegumentar (queda de cabelo, queimadura) e reprodutor masculino (problemas de próstata). É comum que uma mesma espécie de planta apresente mais de uma indicação terapêutica, evidenciando que suas propriedades medicinais não são utilizadas de forma uniforme, e essa diversidade de usos pode estar relacionada à transmissão de conhecimentos tradicionais entre gerações, assim como à influência de fatores socioculturais e ambientais que contribuem para a construção e a dinâmica do saber local sobre plantas medicinais (Magalhães *et al.*, 2021; Martins *et al.*, 2025). Torna-se importante frisar que uma mesma espécie vegetal pode ser usada para tratar vários tipos de doenças e/ou sintomas em uma determinada comunidade humana, enquanto em outra localidade pode ser quase desconhecida por suas propriedades, o que pode estar associado aos tipos de doenças que a comunidade precisa tratar, assim como a disponibilidade de espécies e transmissão de conhecimentos sobre o remédio (Santos *et al.*, 2018).

Das 47 espécies botânicas identificadas, dez estão listadas na RENISUS: *A. vera* (Babosa), *Fridericia chica* (Bonpl.) L.G.Lohmann (Pariri), *C. spicatus* (Canarana), *K. pinnata* (Pirarucu), *Jatropha gossypifolia* L. (Pião Branco), *Plectranthus barbatus* Andr. (Anador); *Mentha piperita* L. (Hortelanzinho), *Ocimum gratissimum* L. (Favação), *P. pilosa* (Amor-crescido) e *Ruta graveolens* L. (Arruda). Neste contexto, verificou-se ainda a presença de seis gêneros botânicos identificados nas duas comunidades e que estão na RENISUS: *Justicia* sp., *Mikania* spp.,

Solidago sp., *Eleutherine* sp., *Phyllanthus* spp., *Lippia* sp., indicando a possibilidade de esses táxons serem potenciais para estudos químicos e farmacológicos. Desta forma, reforça-se a importância da prática da Fitoterapia no SUS, pois representa a incorporação de mais uma terapêutica a gama de possibilidades de tratamento à disposição dos profissionais de saúde e o resgate de uma prática médica milenar, onde se associam os saberes populares e científicos e seus diferentes entendimentos sobre o adoecimento e o tratamento das enfermidades (Figueredo et al., 2014).

Com base na Flora e Funga do Brasil, vinte e dois espécies identificadas são típicas do Cerrado (46,8% do total), mas com ocorrência em dois ou mais domínios fitogeográficos, como exemplo: *Alternanthera brasiliana* (L.) Kuntze (Ampicilina), *D. ambrosioides* (Mastruz) e *F. chica* (Pariri) (Tabela 01). Entretanto, para outras espécies não foram encontradas informações na Flora e Funga do Brasil sobre ocorrência e/ou domínios fitogeográficos, como: *PeLargonium graveolens* L'Hér. (Malva-rosa); *P. barbatus* (Anador); *Plectranthus ornatus* Codd (Boldo chile); *P. amboinicus* (Lour.) Spreng. (Hortelã grande); *M. piperita* (Hortelanzinho); *R. graveolens* (Arruda), porém, estudos etnobotânicos relataram a presença dessas espécies no Cerrado brasileiro (Oliveira et al., 2010; Ribeiro et al., 2014; Araújo; Lemos, 2015; Oliveira et al., 2016; Oliveira et al., 2018; Coelho et al., 2019). Destaca-se que nos locais de realização desses estudos etnobotânicos, o Cerrado se encontra em áreas de transição com outras fisionomias vegetacionais, como a Caatinga, Amazônia, Mata Atlântica, Restinga, o que pode influenciar a composição florística *in loco*.

Ainda neste contexto, infere-se que muitas espécies vegetais podem ser exóticas e foram introduzidas/cultivadas nas comunidades estudadas, conforme verificado por Silva e Proença (2008), em que a maioria das plantas medicinais usada por comunidades rurais e urbanas no município de Ouro Verde-GO, situado no Cerrado, foi introduzida de outros continentes ou de outros países americanos, e somente 21% era nativa do cerrado, evidenciando a influência das espécies exóticas na farmacopeia brasileira. Assim, frisa-se que a flora europeia e africana é de suma importância para a etnobotânica nacional, sobretudo, em relação à introdução de espécies de Lamiaceae e Asteraceae e seu potencial medicinal (Delgado et al., 2021). Por meio de uma compilação de espécies de plantas exóticas usadas no norte da América do Sul, verificou-se que, do total de 216 espécies inventariadas, 155 possuíam uso na medicina, alimentação e ornamentação, pois foram introduzidas para atender às necessidades alimentares e, secundariamente, às medicinais, visto que, geralmente, as espécies exóticas não são usadas para fins terapêuticos em suas áreas de procedência, mas como alimentos (Bennett; Prance, 2000).

Algumas espécies de plantas identificadas nas duas comunidades estudadas não possuem registros na Flora e Funga do Brasil, que é o caso de *P. graveolens* (Malva Rosa); *P. ornatus* (Boldo chile); *Aeollanthus suaveolens* Mart. ex Spreng. (Catinga-de-mulata); *M. piperita* (Hortelanzinho), incluindo a *C. spicatus* (Canarana) (Tabela 01). Apesar disso, existem relatos na literatura de que tais espécies vegetais estão

presentes na região amazônica, onde estão situadas as comunidades de Joanes e de Água Boa (Pereira; Coelho-Ferreira, 2017; Gonçalves; Lucas, 2017; Rocha *et al.*, 2017; Magno-Silva *et al.*, 2020; Oliveira-Melo *et al.*, 2022; Xavier *et al.*, 2022). Isto demonstra que há muitas lacunas no conhecimento real da diversidade botânica brasileira, o que, dentre outros fatores, limita as pesquisas básicas e aplicadas. No entanto, o projeto da Flora e Funga do Brasil já reconhece 35.736 espécies de angiospermas, de cerca de 250.000 existentes no mundo, uma vez que se trata do grupo vegetal mais diverso, incluindo as de importância medicinal (Flora e Funga do Brasil, 2023).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nas comunidades de Joanes e de Água Boa as plantas medicinais são importantes recursos para o tratamento de várias doenças e sintomas relacionados aos diferentes sistemas corporais, os quais, geralmente, são reconhecidos pela medicina oficial. Neste sentido, o conhecimento tradicional sobre os insumos, metodologia de preparo e uso dos remédios caseiros é um repertório importante para estudos químicos e farmacológicos, visto que muitas espécies botânicas possuem validação popular e comprovação científica, elucidando a existência de compostos ativos e de suas atividades biológicas. Além disso, algumas dessas espécies de plantas usadas nas duas comunidades estudadas já são reconhecidas pelo SUS, o qual fomenta a realização de pesquisas com espécies da flora para a formulação de fitoterápicos. Ressalta-se ainda que este estudo contribui para o conhecimento sobre as plantas que ocorrem nas savanas amazônicas e domínios fitogeográficos brasileiros, sobretudo em ambientes pouco estudados, como a Ilha do Marajó, assim como oferece subsídios para a elaboração de estratégias para a conservação ambiental e cultural *in loco*.

REFERÊNCIAS

AHN, J. *et al.* Variation in phenolic profiles and antioxidant properties among medicinal and culinary herbs of the Lamiaceae family. **Journal of Food Measurement and Characterization**, v. 14, n. 3, p. 1720-1732, 2020.

ALBUQUERQUE, U. P. *et al.* Addressing social-ecological systems across temporal and spatial scales: a conceptual synthesis for ethnobiology. **Human ecology**, v. 48, n. 5, p. 557-571, 2020.

ALBUQUERQUE, U. P. *et al.* **Métodos e técnicas na pesquisa etnobiológica e etnoecológica**. Recife: Nupeea, v. 559, 2010.

ALBUQUERQUE, U. P. *et al.* Ten important questions/issues for ethnobotanical research. **Acta Botanica Brasilica**, v. 33, n. 2, p. 376-385, 2019.

ALBUQUERQUE, U. P.; HANAZAKI, N. As pesquisas etnodirigidas na descoberta de novos fármacos de interesse médico e farmacêutico:

fragilidades e perspectivas. **Revista Brasileira de Farmacognosia**, v. 16, p. 678-689, 2006.

ALVES, E. O. *et al.* Levantamento etnobotânico e caracterização de plantas medicinais em fragmentos florestais de Dourados-MS. **Ciência e Agrotecnologia**, v. 32, n. 2, p. 651-658, 2008.

ALVES, G. S. P.; POVH, J. A. Estudo etnobotânico de plantas medicinais na comunidade de Santa Rita, Ituiutaba-MG. **Revista Biotemas**, v. 26, n. 3, p. 231-242, 2013.

AMARAL, D. D. *et al.* Identificação dos subtipos de savanas na Amazônia oriental (Pará e Amapá, Brasil) com uma chave dicotômica de individualização. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi-Ciências Naturais**, v. 14, n. 2, p. 183-195, 2019.

ANDRADE, M. T. V. S. *et al.* Selection Processes of Herbal Medicinal Resources used for Treating COVID-19 Symptoms in Salvaterra, Marajó, Pará, Brazil. **Human Ecology**, v. 53, n. 3, p. 651-662, 2025.

ARAUJO, J. L.; LEMOS, J. R. Estudo etnobotânico sobre plantas medicinais na comunidade de Curral Velho, Luís Correia, Piauí, Brasil. **Biotemas**, v. 28, n. 2, p. 125-136, 2015.

BAHADUR, S. *et al.* Traditional usage of medicinal plants among the local communities of Peshawar valley, Pakistan. **Acta Ecologica Sinica**, v. 40, n. 1, p. 1-29, 2020.

BENNETT, B. C.; PRANCE, G. T. Introduced plants in the indigenous pharmacopoeia of Northern South America. **Economic Botany**, v. 54, p. 90-102, 2000.

BESSA, N. G. F. *et al.* Prospecção fitoquímica preliminar de plantas nativas do cerrado de uso popular medicinal pela comunidade rural do assentamento Vale Verde-Tocantins. **Revista Brasileira de Plantas Mediciniais**, v. 15, p. 692-707, 2013.

BARBOSA, M. O. *et al.* *Plectranthus* species with anti-inflammatory and analgesic potential: a systematic review on ethnobotanical and pharmacological findings. **Molecules**, v. 28, n. 15, p. 5653, 2023.

BORGES, L. C. *et al.* Anti-inflammatory and antinociceptive studies of hydroalcoholic extract from the leaves of *Phyllanthus brasiliensis* (Aubl.) Poir. and isolation of 5-O- β -D-Glucopyranosyljusticidin B and six other lignans. **Molecules**, v. 23, n. 4, p. 941, 2018.

BRAGA, J. C. B.; SILVA, L. R. Consumo de plantas medicinais e fitoterápicos no Brasil: perfil de consumidores e sua relação com a pandemia de COVID-19. **Brazilian Journal of Health Review**, v. 4, n. 1, 2021.

BRANDÃO, D. L. N. *et al.* Importância do amor-crescido (*Portulaca pilosa* L.) para a medicina tradicional amazônica: uma revisão bibliográfica. **Revista Eletrônica Acervo Saúde**, v. 12, n. 3, p. e2371-e2371, 2020.

BRASIL. Ministério da Saúde. **RENISUS - Relação Nacional de Plantas Medicinais de Interesse ao SUS**, 2009. Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/composicao/sctie/daf/pnmpf/ppnmpf/arquivos/2014/renisus.pdf>. Acesso em: 24 set. 2022.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Assistência à Saúde. Departamento de Atenção Básica. **Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares no SUS: PNPIC-SUS**. Brasília: Ministério da Saúde, 2006a.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Ciência, Tecnologia e Insumos Estratégicos, Departamento de Assistência Farmacêutica. **Política Nacional de Plantas Medicinais e Fitoterápicos**. Brasília: Ministério da Saúde, 2006b.

CALIXTO, J. B. *et al.* A review of the plants of the genus *Phyllanthus*: their chemistry, pharmacology, and therapeutic potential. **Medicinal Research Reviews**, v. 18, n. 4, p. 225-258, 1998.

CARVALHO, W. D.; MUSTIN, K. The highly threatened and little known Amazonian savannahs. **Nature Ecology & Evolution**, v. 1, n. 4, p. 0100, 2017.

CHOUHAN, H. S. S.; SINGH, S. K. Phytochemical analysis, antioxidant and anti-inflammatory activities of *Phyllanthus simplex*. **Journal of Ethnopharmacology**, v. 137, n. 3, p. 1337-1344, 2011.

COELHO, F. C. *et al.* Traditional plants used by remaining healers from the region of Grande Dourados, Mato Grosso do Sul, Brazil. **Journal of Religion and Health**, v. 58, p. 572-588, 2019.

COSTA-COUTINHO, J. M. *et al.* Florística e estrutura do estrato arbóreo em cinco savanas no estado do Pará, Brasil. **Revista Brasileira de Geografia Física**, v. 14, p. 215-228, 2021.

CREPALDI, M. O. S.; PEIXOTO, A. L. Use and knowledge of plants by “Quilombolas” as subsidies for conservation efforts in an area of Atlantic Forest in Espírito Santo State, Brazil. **Biodiversity and Conservation**, v. 19, n. 1, p. 37, 2010.

CRUZ, M. E. M. **Marajó, essa imensidão de ilha**. São Paulo: MEM Cruz, 1987.

DELGADO, M. N. *et al.* Plantas medicinais usadas pelos moradores das áreas urbana e rural de Luziânia, Goiás, Brasil. **Revista Agrogeoambiental**, v. 13, n. 4, p. 809-823, 2021.

DI STASI, L. C.; HIRUMA-LIMA, C. K. **Plantas medicinais na Amazônia e na Mata Atlântica**. 2ª edição revista e ampliada, Editora UNESP, São Paulo, Brasil, 2022.

FERREIRA, F. C. S. *et al.* As plantas medicinais no Bioma Cerrado. **Revista Agroveterinária, Negócios e Tecnologias**, v. 2, n. 1, p. 52-69, 2017.

FIDALGO, O.; BONONI, V. L. R. **Técnicas de coleta, preservação de material botânico**. Instituto de Botânica, Série Documentos. 1989. 62 p.

FIGUEREDO, C. A. *et al.* A Política Nacional de Plantas Medicinais e Fitoterápicos: construção, perspectivas e desafios. **Physis: Revista de Saúde Coletiva**, v. 24, n. 2, p. 381-400, 2014.

FLORA E FUNGA DO BRASIL. **Angiospermas**. Jardim Botânico do Rio de Janeiro. Disponível em: <http://floradobrasil.jbrj.gov.br/>. Acesso em: 31 mai. 2023.

GATEA, F. *et al.* Chemical constituents and bioactive potential of *Portulaca pilosa* L. vs. *Portulaca oleracea* L. **Medicinal Chemistry Research**, v. 26, p. 1516-1527, 2017.

GONÇALVES, J. P.; LUCAS, F. C. A. Agrobiodiversidade e etnoconhecimento em quintais de Abaetetuba, Pará, Brasil. **Revista Brasileira de Biociências**, v. 15, n. 3, p. 119-134, 2017.

HENRIQUES, R. P. B. Influência da história, solo e fogo na distribuição e dinâmica das fitofisionomias no bioma do Cerrado. In: SCARIOT, A.; SOUZA-SILVA, J. C.; FELFILI, J. M. (Eds.). **Cerrado: Ecologia, biodiversidade e conservação**. Brasília: Ministério do Meio Ambiente, 2005. p.73-92.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA - IBGE. **Salvaterra**, 2023. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pa/salvaterra/panorama>. Acesso em: 28 fev. 2023.

KAZANCI, C. *et al.* Medicinal ethnobotany of wild plants: a cross-cultural comparison around Georgia-Turkey border, the Western Lesser Caucasus. **Journal of Ethnobiology and Ethnomedicine**, v. 16, p. 1-20, 2020.

KOC, S. *et al.* The potential medicinal value of plants from Asteraceae family with antioxidant defense enzymes as biological targets. **Pharmaceutical Biology**, v. 53, n. 5, p. 746-751, 2015.

LISBOA, P. L. B. **A Terra dos Aruã: uma história ecológica do arquipélago do Marajó**. Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi, 2012.

LOBATO, G. J. M. *et al.* Reserva Extrativista Marinha de Soure, Pará, Brasil: modo de vida das comunidades e ameaças ambientais. **Biota Amazônia**, v. 4, n. 4, p. 66-74, 2014.

- MAGALHÃES, P. K. A. *et al.* Ethnobotanical and ethnopharmacological study of medicinal plants used by a traditional community in Brazil's northeastern. **Brazilian Journal of Biology**, v. 82, p. e237642, 2021.
- MAGNO-SILVA, E. R. *et al.* Etnobotánica y etnofarmacología de plantas medicinales utilizadas en las comunidades de la Reserva Extractiva Marina de Soure-Pará, Brasil. **Boletín Latinoamericano y del Caribe de Plantas Medicinales y Aromáticas**, v. 19, n. 1, p. 29-64, 2020.
- MARQUES, W. P. G. *et al.* Plantas medicinais usadas por comunidades ribeirinhas do Estuário Amazônico. **Brazilian Journal of Development**, v. 6, n. 10, p. 74242-74261, 2020.
- MARTINS, J. *et al.* Levantamento etnobotânico de plantas medicinais em uma comunidade rural do município de Euclides da Cunha, semiárido da Bahia. **Research, Society and Development**, v. 14, n. 2, p. e6814248263-e6814248263, 2025.
- MENDES, L. P. M. *et al.* Atividade antimicrobiana de extratos etanólicos de *Peperomia pellucida* e *Portulaca pilosa*. **Revista de Ciências Farmacêuticas Básica e Aplicada**, v. 32, n. 1, 2011.
- MERZOUKI A. *et al.* Contribution to the knowledge of Rifian traditional medicine. II: Folk medicine in Ksar Lakbir district (NW Marocco). **Fitoterapia**, v. 71, n. 3, p. 278-307, 2000.
- MESSERSCHMIDT, L. *et al.* Use of medicinal plants by community from Fazenda Nova district, Brejo da Madre de Deus, PE, Brazil. **Diversitas Journal**, v. 8, n. 2, p. 817-838, 2023.
- MILAD, R. *et al.* Genus *Kalanchoe* (Crassulaceae): a review of its ethnomedicinal, botanical, chemical and pharmacological properties. **European Journal of Medicinal Plants**, v. 4, n. 1, p. 86, 2014.
- MISSOURI BOTANICAL GARDEN – MOBOT. **Tropicos Database**, 2023. Disponível em: www.tropicos.org. Acesso em: 12 dez. 2023.
- MONTAG, L. F. A. *et al.* Ictiofauna de campos alagados da Ilha do Marajó, Estado do Pará, Brasil. **Biota Neotropica**, v. 9, p. 241-253, 2009.
- MORENO, K. G. T. *et al.* Nephroprotective and antilithiatic activities of *Costus spicatus* (Jacq.) Sw.: Ethnopharmacological investigation of a species from the Dourados region, Mato Grosso do Sul State, Brazil. **Journal of Ethnopharmacology**, v. 266, p. 113409, 2021.
- NASCIMENTO, J. E. C. *et al.* Avaliação do potencial antioxidante e anti-*Helicobacter pylori* in vitro de extratos de plantas medicinais utilizadas popularmente na região amazônica. **Revista Fitos**, v. 11, n. 2, p. 119-249, 2017.

NDHLALA, A. R. *et al.* Ethnobotany and Toxicity Status of Medicinal Plants with Cosmeceutical Relevance from Eastern Cape, South Africa. **Plants**, v. 11, n. 11, p. 1451, 2022.

NEU, V. *et al.* Sustentabilidade e Sociobiodiversidade: alternativas para a região insular de Belém – a experiência na Ilha das Onças. In: NEU, V. *et al.* (Org.) **Sustentabilidade e Sociobiodiversidade na Amazônia: integrando ensino, pesquisa e extensão na Região Insular de Belém**. Belém: Edufra, 2016. p. 13-28.

OLIVEIRA MELO, P. M. C. *et al.* Ethnobotanical study in a rural settlement in Amazon: contribution of local knowledge to public health policies. **Research, Society and Development**, v. 11, n. 1, p. e56911125258-e56911125258, 2022.

OLIVEIRA, A. K. M. *et al.* Ethnobotany and traditional medicine of the inhabitants of the Pantanal Negro sub-region and the raizeiros of Miranda and Aquidauna, Mato Grosso do Sul, Brazil. **Brazilian Journal of Biology**, v. 71, p. 283-289, 2011.

OLIVEIRA, F. C. *et al.* Avanços nas pesquisas etnobotânicas no Brasil. **Acta Botanica Brasilica**, v.23, n. 2, p. 590-605, 2009.

OLIVEIRA, F. C. S. *et al.* Plantas medicinais utilizadas em comunidades rurais de Oeiras, semiárido piauiense. **Revista Brasileira de Plantas Medicinais**, v. 12, p. 282-301, 2010.

OLIVEIRA, M. *et al.* Espécies vegetais de uso popular no município de Coelho Neto, Maranhão, Brasil. **Enciclopédia Biosfera**, v. 13, n. 23, p. 1411-1422, 2016.

OLIVEIRA, R. A. *et al.* Perfil etnobotânico de plantas utilizadas como medicinais na comunidade de Bom Jesus, município de Imperatriz-MA. **Educação Ambiental em Ação**, v. 17, n. 66, 2018.

PEREIRA, M. G. S.; COELHO-FERREIRA, M. Uso e diversidade de plantas medicinais em uma comunidade quilombola na Amazônia Oriental, Abaetetuba, Pará. **Biota Amazônia**, v. 7, n. 3, p. 57-68, 2017.

RATTER, J. A. *et al.* Analysis of the floristic composition of the brazilian cerrado vegetation III: comparison of the woody vegetation of the 376 areas. **Edinburgh Journal of Botany**, v. 60, n. 1, p. 57-109, 2003.

RAVAGNANI, L. R. **A Festa de São Pedro na Vila de Joanes, Ilha de Marajó, Amazônia**. 2015. 136 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Pará, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Belém, 2015.

RIBEIRO, R. V. *et al.* Estudo etnobotânico de plantas medicinais comercializadas em feiras livres de Cuiabá. **Caderno de Publicações Univag**, n. 7, p. 32-54, 2014.

ROCHA, T. T. *et al.* Traditional populations in environmentally protected areas: an ethnobotanical study in the Soure Marine Extractive Reserve of Brazil. **Boletín Latinoamericano y del Caribe de Plantas Medicinales y Aromáticas**, v. 16, n. 4, p. 410-427, 2017.

ROLNIK, A.; OLAS, B. The plants of the Asteraceae family as agents in the protection of human health. **International Journal of Molecular Sciences**, v. 22, n. 6, p. 3009, 2021.

SALVATERRA. Secretaria Municipal de Turismo, Cultura e Esporte. **Inventário da Oferta Turística de Salvaterra**, Salvaterra, 2012. Disponível em: https://www.setur.pa.gov.br/sites/default/files/pdf/inventario_salvatererra.pdf. Acesso em: 21 dez. 2022.

SANTOS, A. C. P. *et al.* Estudo etnobotânico de plantas medicinais utilizadas no tratamento de distúrbios urinários no município de Oriximiná-Pará, Brasil. **Revista Fitos**, v. 17, n. 1, p. 29-52, 2023.

SANTOS, A. R. S. *et al.* Antinociceptive properties of extracts of new species of plants of the genus *Phyllanthus* (Euphorbiaceae). **Journal of Ethnopharmacology**, v. 72, n. 1-2, p. 229-238, 2000.

SANTOS, M. O. *et al.* Medicinal Plants: versatility and concordance of use in the caatinga area, Northeastern Brazil. **Anais da Academia Brasileira de Ciências**, v. 90, p. 2767-2779, 2018.

SCHAAN, D. Long-term human induced impacts on Marajó Island landscapes, Amazon estuary. **Diversity**, v. 2, n. 2, p. 182-206, 2010.

SENA, R. F. *et al.* Uso da fauna e flora por comunidades quilombolas do Arquipélago do Marajó, Pará. **Ethnoscintia-Brazilian Journal of Ethnobiology and Ethnoecology**, v. 6, n. 3, p. 98-115, 2021.

SILVA, C. S. P.; PROENÇA, C. E. B. Uso e disponibilidade de recursos medicinais no município de Ouro Verde de Goiás, GO, Brasil. **Acta Botanica Brasílica**, v. 22, p. 481-492, 2008.

SILVA, N. C. B. *et al.* Uso de plantas medicinais na comunidade quilombola da Barra II-Bahia, Brasil. **Boletín Latinoamericano y del Caribe de Plantas Medicinales y Aromáticas**, v. 11, n. 5, p. 435 - 453, 2012.

SIMÕES, M. C. *et al.* Avaliação da qualidade da água de poços domésticos em comunidades rurais no Arquipélago de Marajó-PA. **Revista Brasileira de Geografia Física**, v. 13, n. 05, p. 2462-2475, 2020.

SIQUEIRA, J. I. A. *et al.* Bioculturalidade associada à extração e uso do azeite de uma etnovarietade de *Sesamum* L. (Pedaliaceae): Uma abordagem etnobotânica em uma comunidade rural no Semiárido do Piauí (Nordeste do Brasil). **Ethnobotany Research and Applications**, v. 19, p. 1-26, 2020.

SOARES, A. D. S. *et al.* Pesquisa investigativa sobre o reaproveitamento de carcaças de peixes em duas vilas da cidade de Salvaterra, Marajó, PA. **Brazilian Journal of Development**, v. 6, n. 11, p. 91588-91598, 2020.

SOBREIRA, F. *et al.* Study of the gastroprotective action and healing effects of *Kalanchoe pinnata* (Lam.) against acidified ethanol-and acetic acid-induced gastric ulcers in rats. **Brazilian Journal of Development**, v. 8, n. 5, p. 39105-39131, 2022.

SOUSA, M. J. M. *et al.* Medicinal plants used by Itamaraty community nearby Anápolis, Goiás state, Brazil. **Acta Scientiarum. Health Sciences**, v. 32, n. 2, p. 177-184, 2010.

SPECIESLINK, 2019. Disponível em: www.splink.org.br. Acesso em: 22 dez. 2022.

VARGEM, D. S. *et al.* Plantas medicinais do cerrado: estudos etnobotânicos e etnofarmacológico. **Research, Society and Development**, v. 11, n. 10, p. e595111033149-e595111033149, 2022.

WORLD HEALTH ORGANIZATION - WHO. **International Statistical Classification of Diseases and Related Health Problems (ICD-11)**, 2022. Disponível em: <https://www.who.int/standards/classifications/classification-of-diseases#:~:text=ICD-11%20Adoption-The%20latest%20version%20of%20the%20ICD%2C%20ICD-11%2C%20was,1st%20January%202022.%20>. Acesso em: 03 abr. 2022.

XAVIER, R. A. T. *et al.* Levantamento de plantas medicinais da família Lamiaceae na comunidade Cristolândia, Humaitá-AM. **Biodiversidade**, v. 21, n. 2, p. 2-13, 2022.

YENNI, G. *et al.* Morphology and anatomy of *Phyllanthus orbiculatus* (Phyllanthaceae) marketed under the common name "para para'i" in Paraguay and its possible substitutes. **Lilloa**, v. 53, n. 2, p. 217-228, 2016.

ZUCCHI, M. R. Levantamento etnobotânico de plantas medicinais na cidade de Ipameri - GO. **Revista Brasileira de Plantas Medicinais**, v. 15, n. 2, p. 273-279, 2013.

AGRADECIMENTOS

Aos moradores das comunidades de Joanes e de Água Boa que participaram deste estudo. Ao Doutor Thyago Gonçalves Miranda pela confecção do mapa de localização das duas povoações.

Contato dos autores/as:

autor: Rolando Célio Gonçalves Pacheco

e-mail: roland.2000c@gmail.com

autor: Raynon Joel Monteiro-Alves
e-mail: raynon_alves@yahoo.com.br

autor: Alcindo da Silva Martins Júnior
e-mail: alcindomartins@gmail.com

autora: Ana Cláudia Caldeira Tavares-Martins
e-mail: tavaresmartins7@gmail.com

Manuscrito aprovado para publicação em: 07/03/2026.